

Expressão de Vida, Edição Especial – Fevereiro/2002
Publicação do Gapa/RS

A aids como ícone de desafios mundiais

Cristina Câmara¹

Mais uma vez Porto Alegre sedia o Fórum Social Mundial (FSM). Espaço de intercâmbio e articulações políticas da sociedade civil. Momento de encontro entre ativistas e militantes de todo o mundo e de expressão de debates que retratam os conflitos sociais contemporâneos. Pode ser um momento importante de renovação da agenda social, de pôr em cheque as imensas desigualdades sociais e de buscar alternativas a elas envolvendo diversos atores.

Se, por um lado, o FSM é entendido como um referencial de luta contra a globalização econômica, por outro, também possibilita a ampliação de redes mundiais de indivíduos e grupos, constituindo o que se vem denominando de sociedade civil planetária.

Um dos fatores mais importantes do FSM, pensando na repercussão do primeiro, é a possibilidade de debate público que ele gera.

Dessa vez a aids estará em pauta. A aids surge como uma pandemia, i.é., atinge a todos os continentes simultaneamente, portanto surge como um problema de saúde pública internacional. Então, o que marca a diferença sobre a discussão da aids hoje quando focalizamos o cenário internacional? - Ícone de grandes questões que afligem o planeta hoje, como: direitos humanos, qualidade de vida, política de medicamentos, propriedade industrial...

A problemática da aids vem mudando o cenário internacional e evidenciando que não se trata de uma questão específica: a aids, mas da aids também. Esta pandemia denota desigualdades sociais referidas pelas condições materiais de existência, mas também torna inevitável se admitir que as desigualdades sociais são marcadas simultaneamente pelo estigma, a intolerância e o desrespeito à diversidade cultural.

Não podemos esquecer que a grande visibilidade e os avanços no campo da aids devem-se fundamentalmente à coragem de pessoas que apareceram publicamente afirmando sua soropositividade, contribuindo enormemente para mudanças significativas nos investimentos em pesquisas, mas, principalmente, para a superação de preconceitos, o questionamento de valores e para que a aids viesse a se tornar um tema de debate público. Também não podemos deixar de mencionar que os ‘malditos’, os ‘marginais’, junto aos que demarcaram publicamente sua experiência com a aids, são os que incansavelmente se engajaram de forma aguerrida nas ações de prevenção, na maioria das vezes atingindo além de seus pares. Refiro-me a gays, lésbicas, travestis, profissionais do sexo, usuários de drogas injetáveis,

¹ Consultora responsável pela Unidade de Articulação com a Sociedade Civil e de Direitos Humanos, da Coordenação Nacional de DST/AIDS – Ministério da Saúde.

que ousaram sair do escuro e se apresentar publicamente na defesa de suas vidas e na defesa de condições de saúde pública mais dignas. Na defesa do acesso à saúde para todos, ainda que diferentes, nem por isto naturalmente desiguais. Desiguais, isto sim, devido a normas que os alijaram durante muito tempo, pelos costumes que exitamos em mudar. Como se pudéssemos evitar! Pelos imperativos morais que definem constantemente o certo e o errado e não deixam espaços para erros e acertos de seres humanos, mortais, iguais.

Por este leque de indagações que a pandemia da aids nos coloca, o incentivo à participação da sociedade civil faz parte da própria redefinição dos Estados-Nação e de suas alianças externas. Por sua vez, também faz parte de uma busca daqueles que primam pela justiça social, a generosidade e a paz.

O FSM é um momento imprescindível para a comunidade internacional, que olha o mundo mais próximo das cenas e queixas da população mundial, debater, partilhar e estender o compromisso que o Brasil vem assumindo no cenário internacional. É preciso que a ordem mundial seja alterada no que diz respeito à propriedade intelectual e as regras comerciais, caso contrário, também o Brasil verá seu Programa Nacional de DST/AIDS ameaçado, já que se deparará com uma situação absolutamente injusta. Por isto, a experiência brasileira recente tem sido imprescindível para checar o estabelecido em relação à terapia anti-retroviral. Acesso a tratamentos, direitos humanos, mobilização multisetorial, participação das Organizações da Sociedade Civil e das pessoas vivendo com HIV ou aids não podem ser analisados como objetos isolados. Do mesmo modo, entendemos que as ações de prevenção, a assistência, ou dito de outro modo, a atenção aos cuidados de que os cidadãos do mundo necessitam e os direitos humanos destes cidadãos formam um tripé que orienta o enfrentamento da pandemia da aids e oferece indícios de que não há uma única saída, um único saber, uma única visão de mundo e de que tudo precisa ser conjugado.

No que se refere ao recente debate sobre as patentes de medicamentos para aids, o Brasil assumiu recentemente uma responsabilidade frente a outros países por uma questão de solidariedade e cooperação internacional, e acabou desempenhando um papel de liderança. Como a sociedade local ou global, e o local já é em si uma interseção entre ambos, não é uma abstração, depende de cada um de nós problematizarmos nossos espaços e os papéis que desempenhamos neles para influirmos nas esferas decisórias e partilharmos um mundo mais justo para todos.

A expectativa é que o FSM contribua para um desenho que oriente projetos comuns de sociedade entre a sociedade civil, os governos e o setor privado, apontando saídas que respeitem os direitos humanos e a diversidade cultural.